



PRÁTICA DOCENTE: UM OLHAR PARA O PROFESSOR PESQUISADOR

ANTONIA GIVALDETE DA SILVA
MARIA GISÉLIA DA SILVA GOMES

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar uma breve discussão acerca da formação inicial e continuada dos professores e em seguida um relato da vida profissional, trajetória e dificuldades de uma professora da rede pública no Estado de Alagoas com 19 anos de experiência em sala de aula. O relato nos dá uma visão da realidade pelo olhar de quem vivencia na prática e cotidianamente as lutas e desafios de ser professor em nosso país. Para tanto, buscamos nos auxiliar nos estudos teóricos de Franco (2008; 2012), Romanowski (2007), Freire (1996), Tardif (2011), Curi (2004), Thompson (1985), Benjamim (1994).

Palavras-chaves: Formação inicial de professores; Formação Continuada; Relato de experiência.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo presentar una breve discusión de formación inicial y continua maestro y luego un relato de la vida profesional, la carrera y dificultades de un profesor de la pública en el Estado de Alagoas, con 19 años de experiencia en el aula. El informe nos da una visión de la realidad a través de los ojos de los que experimentan en la práctica y luchas y desafíos de ser un maestro en nuestro país diariamente. Por lo tanto, buscamos para que nos ayude en los estudios teóricos de Franco (2008; 2012), Romanowski (2007), Freire (1996), Tardif (2011), Curi (2004), Thompson (1985), Benjamin (1994).

Palabras clave: Educación inicial del profesorado; Educación continua; Experiencia informe.

INTRODUÇÃO

Como afirma Paulo Freire (1996, p.25) “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Tendo em vista que o ato de educar é uma singularidade muito especial, a formação continuada do professor deve permear sua prática pedagógica constantemente, esse não pode ser um ato isolado, distante, mas contínuo, correlacionando teoria e prática paralelamente, para que o mesmo possa tornar-se um professor pesquisador, crítico de sua prática e reflexivo quanto às mudanças necessárias à educação em todos os seus aspectos.

Neste presente relato refletiremos sobre a experiência de uma professora de escola pública com quase 19 anos de sala de aula e sua constante busca pelo conhecimento como importante alternativa para a melhoria e transformação de sua prática educativa, bem como, sua trajetória de vida profissional para tentar responder aos seus anseios e angústias vividas não apenas por ela, mas pela maioria dos profissionais da educação em nosso país.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ser professor é ter a capacidade de promover a humanização das crianças, dos jovens e de si mesmo, mas essa não é uma tarefa simples de ser realizada, pois o processo de construção da identidade e de desenvolvimento permanente, coletivo e individual só acontece na prática, no exercício do educar. Para Romanowski (2007, p.18) “entre os componentes da identidade docente está o conhecimento, que é o objeto da relação entre professor e aluno, permanentemente renovado, ampliado.” Neste sentido, uma das características da profissão docente é acreditar na educabilidade de seus alunos. Para Tardif (2011, p. 36), “pode-se definir o saber docente como um saber plural,

formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.”

A formação do profissional da educação, a partir da universalização do ensino, tem ganhado novas perspectivas, principalmente em relação à figura do professor dos anos iniciais, que, por atuar na base, nos primeiros anos do Ensino Fundamental deveria ser mais valorizado, tanto no aspecto de sua formação, como no da construção de sua identidade, tendo em vista os anseios da sociedade, em que está inserido. Romanowski (2007, p. 27) afirma que

Sem formação adequada, os professores não têm como colaborar efetivamente para o desenvolvimento de uma escolarização para superar o fracasso manifesto nos resultados das avaliações que mantém a aprendizagem dos alunos com médias insuficientes, nos altos índices de reprovação e evasão.

Sendo assim, como é vista então a prática do(a) professor(a) dos anos iniciais? Qual o papel e a prática desse profissional. No mínimo, muita responsabilidade. Responsabilidade, principalmente, para entender que não basta apenas querer ensinar, ter boa vontade, dar uma contribuição, é preciso gosto, claro, prazer; muito conhecimento do que ensinar; do como, do para que e do para quem ensinar, como primeiro passo inicial. Depois, no processo, na realização da práxis, não parar mais de buscar, e no entendimento de que, de acordo com Franco (2008, p. 68) “a práxis, no entanto, é ativa, é vida, dá movimento à realidade, transforma-a e é por ela transformada.” Ter na pesquisa a instrumentalização constante no pensamento, e na ação, a efetivação de um planejamento vivo e atuante, levando em consideração que os processos de aprender a ensinar, de aprender a ser professor e de desenvolvimento profissional de professores são lentos e gradativos.

Esse constante processo de reflexão da prática pedagógica só será possível por meio da formação inicial e contínua dos docentes e, isto, pode se efetivar dentro da própria escola, no coletivo, na construção partilhada de saberes, troca de experiências, pela prática da pesquisa-ação. Essas reflexões levam a compreensão de que tempo de serviço em sala de aula não significa, necessariamente, reprodução de conhecimento significativo, se não houver o exercício da reflexão, para articular teoria e prática.

A experiência é narrada aqui como pontos cruciais da carreira profissional da professora, considerada por Benjamin (1994) como a faculdade que mantém viva a atividade do narrador. O autor coloca que:

O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. (...) esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (Benjamin, 1994: 200-201).

O narrador, descrito por Benjamin, é aquele que carrega consigo as informações adquiridas pelas experiências de vida, marcadas pela sua percepção de mundo sob constante olhar da realidade crítica em face dos acontecimentos à sua volta. Thompson (1985:44) visualiza e enfatiza a História Oral e a narrativa como “uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação”. A narrativa descrita mostra que a professora fez uma introspecção de suas vivências profissionais externando uma amorosidade na arte de ensinar, mesmo passando por muitas dificuldades em todo seu percurso.

Um relato de experiência

Desde a mais tenra idade quis ser professora. Adorava ver, na minha inocente concepção, as mãos das professoras sujas de giz, a correção feita nos cadernos, os cartazes nas paredes, o desenrolar da letra cursiva, enfim, desde pequena já brincava de escola e tinha certeza de que seguiria aquele sonho, mesmo com as dificuldades vividas na infância.

Cresci e toda a minha vida escolar já despontava em direção ao velho ideal. Diziam que eu levava jeito pra coisa e, por fim, não sei se por destino ou porque o município só oferecia o curso de magistério, acabei tornando-me realmente professora.

No início foi meio complicado. Muito novinha, iniciei a carreira ainda no período do estágio, mas três anos depois ingressei na Faculdade de pedagogia e as coisas se tornaram mais claras. Lecionar e estudar ao mesmo tempo, apesar do cansaço, foi muito importante porque todas as discussões realizadas na teoria nos instigavam a realizar na prática a vontade de inovar, experimentar e melhorar nosso fazer pedagógico. Assim, consegui crescer muito nas minhas perspectivas iniciais e, percebi a importância do conhecimento para a efetivação de um ensino com mais qualidade, onde eu observava o crescimento dos meus alunos e me realizava enquanto profissional, pois como afirma Franco (2008, P. 122)

A prática educativa (...), é o espaço onde confluem as dimensões do ser e do saber; do espontâneo e do teórico; onde convivem o artesanal, o intuitivo, o criativo do fazer, com os saberes do pensar, do querer, do refletir, todos inerentes ao

exercício da prática educativa.

Durante esse período ainda não tinha, em linhas gerais, plena consciência de qual teoria da aprendizagem embasava meu trabalho, apesar de ter sempre a preocupação de ensinar com a participação dos alunos e de estar atualizada para dinamizar as aulas. Curiosa por natureza, nunca estava satisfeita comigo mesma, e nesse sentido, procurava sempre inovar, buscar coisas diferentes, ler revistas especializadas, observar o trabalho dos professores mais experientes.

Quando conclui a faculdade de Pedagogia no ano de 2003 e passei certo período sem fazer nenhuma capacitação, notei uma grande diferença na qualidade do meu trabalho. Como as dificuldades foram aumentando, principalmente com relação à realidade social dos alunos, senti-me angustiada, por certo, necessitada de novas orientações e o vínculo com a faculdade, as discussões, a troca de ideias, eram muito importantes até como forma de amenizar essas angústias vividas no dia-a-dia. Franco (2012, p. 186) elucida que “se não houver o exercício da práxis que renova e rearticula a teoria e a prática, não haverá espaço para a construção de saberes”.

Levada quase pelo acaso iniciei outra faculdade (Letras Português/Francês) em 2004 e, novamente senti-me mais amparada, viva novamente. A certeza que confirmei é a de que o estudo nos mantém “acordados”, atualizados de tudo, nos prepara melhor para enfrentarmos as dificuldades típicas de uma sala de aula, de uma escola.

Por ser uma profissão de muita complexidade, acredito que o magistério poderia ser visto, também com um olhar diferente e, a nossa prática deveria estar sempre vinculada às pesquisas direcionadas pelas universidades, ter uma política de funcionamento que atendesse realmente os interesses de toda a escola. Por que não pensar em uma educação, onde o professor trabalhasse em uma única escola e tivesse tempo para a pesquisa com o acompanhamento de especialistas e que ele mesmo, com o tempo, tornar-se-ia também um especialista no assunto? O que percebemos é que se tem gasto mais para tentar resolver os problemas previstos por aqueles que sabem o que estão dizendo, do que com a implantação de um ensino que realmente funciona e, justamente trabalha para resolver os problemas já existentes e não criar outros. Franco (2008, p. 75) afirma que

A educação é uma prática social humana, é um processo histórico, incluso, que emerge da dialiticidade entre homem, mundo, história e circunstâncias. Sendo um processo histórico, a educação não poderá ser apreendida por meio de estudos metodológicos que congelam alguns momentos de sua prática. Deverá o método dar conta de apreendê-la em sua dialiticidade, captando não apenas as objetivações de uma prática real concreta, mas a potencialidade latente de seu processo de transformação.

Sabemos que o professor sofre pressões de todos os lados: da família (dele e a de seus alunos); da sociedade que lhe cobra posturas “adequadas” e “aceitáveis” para a figura de um professor “responsável”; do governo que em muitas situações o culpa pelo mau rendimento dos alunos; dos próprios alunos que na sua diversidade cultural, social, econômica e psicológica espera ver na imagem do professor alguém sempre apto a resolver seus problemas. Talvez esteja sonhando demais ou sendo utópica, mas diante dos anos que já lecionei, observando as turmas que já trabalhei e com as experiências adquiridas até aqui, penso ter o direito de desejar uma educação realmente democrática e participativa, onde o professor seja preparado desde a base até o momento final de sua carreira, com a chegada da aposentadoria.

Nas minhas fantasias educacionais vejo a escola com as seguintes características: Espaço físico adequado, amplo e alegre. Não dá para pensar a educação sem alegria. Educar é um ato de alegria! Não falo aqui de teatralização, mas de um ambiente físico e psicológico onde todos se sintam bem e à vontade. Nesse espaço os alunos chegariam e apreciariam o novo ambiente, desejando permanecer mais e mais, estudar, aprender, enfim, descobrir o mundo. O professor, com formação especializada, trabalhando em uma única escola, teria o dia distribuído da seguinte maneira: um turno lecionaria na sala de aula, propriamente dita, no outro turno desenvolveria atividades diversificadas como, planejamento incorporado com programas de estudos desenvolvidos por universidades, ou seja, o planejamento seria uma eterna formação; momento para acompanhar alunos em suas dificuldades ou realizar visitas à sua família; pesquisa de campo com os alunos e pesquisas na própria escola. Não poderia esquecer de mencionar que a escola possuiria salas de aulas temáticas tais como, laboratórios de ciências, matemática, linguagens, teatro, dança, Artes plásticas, laboratórios de informática, ciências sociais entre outras. O espaço escolar também atenderia as necessidades esportivas dos alunos. Por fim, alunos e profissionais da educação, ou seja, todos os atores envolvidos nesse processo também teriam direito a atendimento médico, odontológico e psicológico.

Creio que meu sonho não é tão utópico assim. Seria tão gostoso trabalhar e estudar neste ambiente, com certeza o desafio seria conseguir sair de lá. Mas isso, talvez, seja apenas devaneio de uma professora um pouco cansada de lutar, de remar, muitas vezes, contra maré. Será que ninguém percebe que, para a educação ter sucesso, o professor necessita de tempo para estudar, planejar e ter um ambiente também adequado para recebê-lo? Gostar do que se faz

não significa ter que morrer para a efetivação desse processo. E o professor morre a cada dia, principalmente por sentir-se impotente diante de tantos problemas a resolver e, pior ainda, por ver-se praticamente sozinho em sua luta diária. Curi (2004, p.166) elucida que

O aprofundamento das investigações sobre a atuação do professor evidencia a complexidade dessa profissão e, consequentemente, dos processos de formação – inicial e continuada – para exercê-la. São muitas as competências profissionais para ensinar: para os professores especialistas numa disciplina, há os conhecimentos específicos, mas também os estilos de aprendizagem dos alunos, seus interesses, suas motivações, as dificuldades que os alunos podem apresentar a gestão da sala de aula, apenas para citar algumas necessidades. No caso de professores polivalentes, essas demandas se multiplicam, pois, como trabalham com diferentes áreas de conhecimento, é preciso “saber” várias disciplinas para “ensiná-las.

Quando afirmo que lecionar e estudar paralelamente, seria o ideal para a construção de uma educação de qualidade, reporto-me ao fato de que é importante agregar as teorias de ensino ao fazer pedagógico. Saber apreciar os teóricos que muito contribuíram para a educação ajuda-nos a refletir melhor sobre o que estamos fazendo e como estamos fazendo nosso trabalho para a aquisição de melhores objetivos dentro do ensino. É nesse sentido que

O processo de constituição da identidade profissional é de desenvolvimento permanente, coletivo e individual, no confronto do velho com o novo, frente aos desafios de cada momento sociohistórico. Essa identidade contém, concomitantemente, à unidade ensinar, uma multiplicidade de abrangências pela natureza da educação como prática social, como uma teia de interesses, significados e possibilidades. (ROMANOWSKI, 2007, p.16).

Percebo que no decorrer de minha vida profissional fui, aprendendo aos poucos, a me conhecer melhor, a identificar com mais segurança as teorias que embasam meu trabalho e, diante do que já consegui realizar, vejo como são significadas as teorias cognitivas da aprendizagem, pois elas contribuíram e ainda contribuem significadamente na superação de muitas dúvidas, bem como para preencher as lacunas presenciadas em sala de aula referentes ao processo de ensino/aprendizagem. Piaget (apud LAKOMY, 2008, P. 31) considera que “à medida que a criança passa a interagir com o mundo ao seu redor, ela começa a atuar e a modificar ativamente a realidade que a envolve”.

Esse fato, para mim, antes mesmo de conhecer a teoria piagetiana, sempre foi muito instigante. À medida que planejada minhas aulas, ficava a imaginar qual o sentido daqueles conteúdos, em que situações os alunos iriam utilizá-los? De que forma eles poderiam interagir com o mundo com as informações adquiridas na escola? Neste processo de descobertas, era impossível não observar que a criança ao chegar na escola já trazia consigo uma longa bagagem de informações e conhecimentos e, sem ter como negar, também já estava concordando plenamente com as ideias de Vygostsky, ao qual passei a nutrir muita admiração, pois torna-se imprescindível que o aluno aprenda para entender o contexto histórico em que está inserido, modificando-o se for necessário e se tiver condições para isso.

Ao observar o processo de aprendizagem da criança, a influência do meio social em que ela está inserida e a importância do convívio, tanto com as outras crianças, bem como com todos que a envolve, nota-se que as ideias do teórico Wallon também complementam significadamente para a efetivação desse processo, principalmente no que concerne à afetividade e a responsabilidade de cada um na busca do conhecimento. Penso que não é apenas importante que o ser humano saiba das coisas, domine informações, conceitos, mas que saiba conviver bem com o outro, aprenda a respeitar as diferenças do próximo, seus desejos e limitações, ajudando-os no que for possível. Apesar de não conhecer com profundidade, mas de ter grande interesse em desenvolver-me mais nessa área, procuro realizar minha prática pedagógica com vistas na plenitude do ser humano, vendo-o não só como um ser biológico, mas com dimensões sociais, psicológicas e espirituais.

Penso que as teorias cognitivas da aprendizagem se completam e, ao trabalhá-las conjuntamente poderemos verificar resultados sempre positivos e satisfatórios em nosso fazer pedagógico, com a contribuição também de outros teóricos, por isso a importância do professor está em constante formação, estudo, seja este direcionado por entidades externas ou pelo próprio interesse individual desse profissional, realizando seus apontamentos e reflexões, “sozinho” com suas leituras.

Paralelamente continuei fazendo cursos complementares de formação continuada, alguns oferecidos pela secretaria municipal de ensino, outros que eu mesma buscava através de Congressos, Encontros, Seminários entre outros.

Após a conclusão do curso de Letras Português/Francês, fiz um curso de Aperfeiçoamento em Gestão de Recursos Hídricos e em seguida ainda no ano de 2009 fiz especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira. No ano de 2011 ingressei no Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Alagoas e este foi um dos maiores desafios, pois estudar e trabalhar quando todo o tempo deveria ser dedicado às pesquisas, aos estudos, às reflexões é uma tarefa bastante complexa e angustiante. Comentei

anteriormente que teoria e prática precisam estar aliadas na formação do professor, no entanto, há momentos em que o profissional da educação necessita de um tempo para pesquisa exclusiva como no caso do mestrado e do doutorado. Obviamente que ele não se distanciará da escola, continuará atuando, mas com um olhar mais reflexivo, profundo sobre as questões mais pertinentes para ele e para seus pares, para em seguida poder contribuir de forma mais significativa e profunda nas mudanças que se fizerem necessárias para a melhoria da educação.

Com a oportunidade de ter ingressado no Mestrado Profissional de Ensino de Ciências e Matemática ofertado pela Universidade Federal de Alagoas no ano de 2011, por meio de processo seletivo, vi a possibilidade real de buscar esclarecimentos para os meus anseios, agora de forma metodológica e com fundamentação teórica adequada, dando origem a uma pesquisa que teve como objetivo principal analisar a relação entre o professor polivalente e uso das diferentes linguagens, principalmente a linguagem matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental em um município da região nordeste e objetivos mais específicos como discutir sobre as principais dificuldades do professor polivalente e o uso das diferentes linguagens; analisar as dificuldades encontradas por esses professores no trabalho de assimilação e aquisição da linguagem matemática nos primeiros anos do Ensino Fundamental; e analisar o processo de construção da linguagem matemática por parte dos professores polivalentes.

Com foco nesses conflitos de cunho educacionais, uma questão acompanhava constantemente meus pensamentos e minhas reflexões, estando em contato com outros profissionais da área nos momentos de formação continuada ou nos conhecidos “horários de departamento”, ou seja, momento de planejamento pedagógico realizado nas escolas. Tal questão referia-se se o professor polivalente dominava o uso de diferentes linguagens, principalmente a linguagem matemática das séries iniciais do Ensino Fundamental. Mesmo sem um aprofundamento teórico específico nesta área, naquele período, ensaiava algumas suposições, porém, tendo como base o curso de pedagogia que realizei na Universidade Federal de Alagoas, finalizado no ano de 2003. Supunha, então que os cursos de formação de professores apresentam lacunas na área de construção e aquisição das diferentes linguagens, em especial, a matemática; A matemática não é vista como uma linguagem com características próprias e assimiláveis; O pensamento vigente de que para aprender matemática não há necessidade da interação pela comunicação verbal, escrita ou pictórica permeia os centros de formação de professores. Essas suposições, na verdade, refletiam minhas dificuldades enfrentadas antes mesmo de minha incursão no curso de Pedagogia, pois nessa época já atuava no magistério há cerca de quatro anos, muitas delas me acompanharam durante o curso e paradoxalmente, após o mesmo.

Após muitas dificuldades para iniciar e dar curso a pesquisa, consegui concluir o mestrado com quase quatro anos de duração, pois como moro no interior do Estado de Alagoas e as aulas ocorriam durante dois dias da semana (quinta e sexta-feira) na capital, Maceió, e, por não ter conseguido licença das duas escolas em que leciono, uma na rede estadual e outra na rede municipal, nos dois primeiros dois anos consegui uma redução de carga horária apenas na rede municipal, as dificuldades foram muito grandes, principalmente pela falta de tempo para aprofundar as pesquisas, sem falar nas despesas para viajar para a capital toda semana e os gastos com alimentação, hospedagem e compra de livros. Em meio a tanta correria, cansaço físico e mental, a pesquisa foi ganhando corpo e por fim tudo foi se encaminhando, naturalmente, como resposta a tantos anseios em relação à minha prática pedagógica a dissertação de mestrado acabou tratando sobre **O professor dos anos iniciais e o conhecimento da geometria** (2014). Por se tratar de Mestrado Profissional, além da dissertação havia também que ser construído um produto educacional correlacionado ao tema da pesquisa. Dessa forma, construí uma oficina intitulada “Geometria de papel: dobras à vista,” em que procurei trabalhar com os professores alguns conhecimentos da geometria plana através da dobradura de papel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o relato da prática pedagógica nota-se como foi importante a implementação da formação continuada, não apenas nos cursos de Pedagogia e Letras, mas em todos os estudos adjacentes realizados, muitas vezes, por conta própria e, outras com os cursos implantados pelo governo municipal, estadual e federal. Estudos e reflexões que conduziram a professora a ingressar no Mestrado Profissional e continuar as pesquisas nas áreas que sempre instigaram curiosidades e interesses como as que se relacionam direta e indiretamente com a educação. Nota-se também uma crescente necessidade de reflexão, quanto aos problemas que têm afetado profundamente a educação, nos aspectos que concernem à prática educativa, e em face à diversidade, em que a escola tenta sobreviver diante das complexas situações que lhes são impostas; do contexto socioeconômico em que ela está inserida; bem como dos inúmeros “problemas” comuns ao meio educacional. Romanowski (2007, p. 16) nos elucida que “o processo de constituição da identidade profissional é de desenvolvimento permanente, coletivo e individual, no confronto do velho com o novo, frente aos desafios de cada momento sócio histórico.”

Assim, a formação continuada dos docentes em muito favorece a aquisição de novos/velhos conhecimentos, possibilitando a troca de experiências, a ocorrência de diálogos sobre os conflitos e angústias de sua formação e de sua

prática pedagógica, o que também possibilita, ao professor, estímulos adequados para que este possa tornar-se um professor/pesquisador, reflexivo em todos os saberes quem envolvem sua formação e sua práxis.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CURI, Edda. **Formação de professores polivalentes:** uma análise de conhecimentos para ensinar Matemática e de crenças e atitudes que interferem na constituição desses conhecimentos. 278 p. 2004, Tese (Doutorado em Educação Matemática). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente.** São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Pedagogia como ciência da educação.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias Cognitivas da Aprendizagem.** Curitiba: Ibpx, 2008.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e Profissionalização docente.** Curitiba: Ibpx, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2011.

Thompson, Paulo. **A voz do passado: história oral.** 3 ed. Tradução por Lólio Lourenço de Oliveira. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2002

[1] Mestra em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM) com foco em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atualmente é professora nas redes Municipal e Estadual de Educação de Teotônio Vilela. Endereço: Rua Vereador José Faustino, 425 – Centro, Teotônio Vilela, Alagoas – CEP: 57265/000. E-mail: toniagsilva@ig.com.br

[1] Graduada em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Pós-Graduada em Gestão Ambiental pela mesma Instituição. Pós-graduada em Ensino de História pelo Instituto Prominas. Atualmente é professora na rede pública da rede Municipal de Teotônio Vilela. Endereço: Rua Vereador José Faustino, 425 – Centro, Teotônio Vilela, Alagoas – CEP: 57265/000. Email: zeliassg@ig.com.br

Recebido em: 28/06/2015

Aprovado em: 29/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: